



Manual Afetivo

O acolhimento às
juventudes na EJA



Evaldo Lemos Rodrigues Junior
Andrea da Paixão Fernandes

Manual Afetivo
O acolhimento às juventudes na EJA

UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Centro de Educação e Humanidades (CEH)

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)

Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB)

Reitoria: Gulnar Azevedo e Silva

Vice-Reitor: Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa: Elizabeth Fernandes de Macedo

Diretor do Centro de Educação e Humanidades: Roberto Rodriguez Dória

Diretoria do CAp-UERJ: Mônica Andrea Oliveira Almeida

Vice-diretora: Deborah da Costa Fontenelle

Coordenadora do PPGEB: Maria Cristina Ferreira dos Santos

Vice-coordenador do PPGEB: Leonardo Freire Marino

Coordenadora do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração (NEPE):

Juliana de Moraes Prata

Coordenador de Editoração: Alexandre Xavier Lima

Membros da Banca Examinadora:

Presidente e Orientadora: Andrea da Paixão Fernandes (UERJ)

Avaliador interno: Carlos Soares Barbosa (UERJ)

Avaliador externo: José Humberto da Silva (UNEB)

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Xavier Lima

Déborah da Costa Fontenelle

Elizandra Martins Silva

Juliana de Moraes Prata

COMISSÃO CIENTÍFICA

Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII)

Angélica Maria Reis Monteiro (U. PORTO)

Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)

Rogério Mendes de Lima (CP II)

Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

Manual Afetivo

O acolhimento às juventudes na EJA

Evaldo Lemos Rodrigues Junior
Andrea da Paixão Fernandes

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO ROGRIGUES DA SILVEIRA - CAP-UERJ
NÚCLEO DE EXTENSÃO, PESQUISA E EDITORAÇÃO - NEPE



CRÉDITOS TÉCNICOS

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

E-book Manual Afetivo - O acolhimento às juventudes na EJA

ÁREA IMPACTADA PELO PRODUTO EDUCACIONAL

Educação de Jovens e Adultos

Formação Docente

Prática Pedagógica

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Educadores da Educação de Jovens e Adultos

Equipes Gestoras da Educação de Jovens e Adultos

DIVULGAÇÃO

Meio Digital

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

O Manual Afetivo objetiva proporcionar a reflexão-ação de educadores e educadoras que atuam na Educação de Jovens e Adultos. Propomos, criar um movimento para além da discussão, convidando todos a pensarem sua prática em busca do compromisso estabelecido com uma educação transgressora e efetivamente transformadora.

AUTOR

Evaldo Lemos Rodrigues Junior

CO-AUTORA

Andrea da Paixão Fernandes

PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Evaldo Lemos Rodrigues Junior

IMAGENS

Canva

FICHA CATALOGRÁFICA

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

R696 Rodrigues Junior, Evaldo Lemos

Manual afetivo: o acolhimento às juventudes na EJA. / Evaldo Lemos Rodrigues Junior, Andrea da Paixão Fernandes. – Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2024.

41 p. : il.

Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAP/UERJ.

ISBN: 978-65-81735-67-8 (e-book)

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Afetividade. 3. Juventudes. I. Fernandes, Andrea da Paixão. II. Título.

CDU 371

Emily Dantas CRB-7 / 7149 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste produto educacional, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Editora CAP-UERJ
Rua Barão de Itapagipe, 96
Rio Comprido - RJ CEP 20.261-005
<http://www.cap.uerj.br/site/>

2024
1ª Edição



Manual Afetivo

O acolhimento às juventudes na EJA

**ESTE NÃO É UM GUIA DE FUNCIONAMENTO OU UM
CONJUNTO RÍGIDO DE DIRETRIZES; É, ANTES DE
TUDO, UMA PROVOCAÇÃO À REFLEXÃO, UMA FONTE
DE INSPIRAÇÃO PARA TRANSFORMAÇÕES.**

Rio de Janeiro
2024

Sumário

Apresentação.....	09
Introdução.....	10
1- Reconheça o seu papel como educador da EJA.....	12
1.1 O que te motiva como educador?.....	14
2- Afeto e Acolhimento: recursos motivadores.....	16
2.1 O que te afeta?.....	18
3- O poder transformador da educação.....	21
3.1 A educação realmente transforma?.....	22
4- Não basta apenas refletir, precisamos agir.....	24
4.1 O que é uma educação humanizada?.....	27
5- Atitudes para estabelecer uma conexão afetuosa e acolhedora com as juventudes na EJA.....	29
6- Reflexões finais.....	32
7- Bibliografia Inspiradora.....	35
Autor.....	38
Co-autora.....	39

PREFÁCIO

Este produto educacional associado à pesquisa de mestrado “As Relações de Afeto entre Docentes e Discentes no Projovem Urbano”, realizada por Evaldo Lemos Rodrigues Junior e por mim orientada, tem por intenção primeiramente possibilitar que educadores que atuam junto a pessoas jovens e adultas desenvolvam reflexões e ações a partir de uma revisitação de suas práticas pedagógicas, tendo em vista a busca por uma educação que supere os contextos de exclusão social, de relações de opressão e de transmissão de saberes e que, a partir daí, possam se comprometer com uma prática educativa socialmente inclusiva e que se ancore, como nos ensinou Paulo Freire, na amorosidade, no diálogo, na educação como prática da liberdade e transformadora.

Este manual não traz um ensinamento específico sobre o tema desenvolvido, mas uma chamada à reflexão e, em suas páginas, intentamos provocar os leitores a se moverem em busca da potencialidade da reflexão e da proposição de uma prática educativa que olhe para as pessoas que recorrem à escola como possibilidade de retorno, de crescimento, de mudança.

Ocupamo-nos de buscar despertar um olhar afetivo, prioritariamente, para os jovens. Pessoas essas que muitas vezes são excluídas da escola “regular” porque “não dão certo lá” e, assim, migram (ou são migradas) para a escola da EJA ou para programas voltados para jovens e adultos. Conhecer suas experiências de vida, seus incômodos, o que os afeta, o que lhes retira o desejo de aprender e descobrir quais são os seus campos de interesse e conhecimentos que desejam aprender, são alguns dos caminhos possíveis para a construção do trabalho pedagógico com aqueles que foram excluídos da escola em algum momento da vida.

Diante desse contexto, é atribuição dos educadores perceber que recebê-los nessa outra escola – a escola da EJA – requer olhar com afeto para esses jovens e ter a escuta atenta sobre suas reais necessidades. Eles têm voz! E sabem dizer do que precisam e como percebem a escola que os recebe. Nós, educadores e escola, precisamos estar sensíveis a escutá-los.

Esperamos que a leitura do “Manual Afetivo – o acolhimento às juventudes na EJA” seja um convite a cada educador que atua nos diferentes espaços educativos, para revistar sua prática e suas relações com o outro, o estudante que chega à EJA.

Andrea da Paixão Fernandes
Outono de 2024

Apresentação

Querida educadora e querido educador da EJA,

É com imensa satisfação e comprometimento que me dirijo a você para apresentar um Produto Educacional desenvolvido durante o Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) – Curso de Mestrado Profissional do CAP-UERJ. O que você está prestes a ler, trata-se de um Manual Afetivo que aborda, de maneira sensível e reflexiva, a importância do acolhimento às juventudes atendidas pela EJA.

Convido cada um de vocês a pensarem sobre a sua prática pedagógica, reconhecendo que o acolhimento vai além do ambiente familiar, sendo um pilar fundamental também no âmbito escolar. Sabemos que um ambiente acolhedor promove um envolvimento mais profundo dos estudantes, contribuindo para a construção de um sentimento de pertencimento, fortalecendo a autoestima e confiança nas relações.

Neste convite à reflexão, almejo a construção de um ambiente educacional que não apenas transmita conhecimento, mas que também sirva como um refúgio seguro, encorajando os estudantes da EJA a superarem obstáculos e a trilharem caminhos promissores em suas vidas.

Como educadores, é nosso dever questionar o que estamos oferecendo aos jovens que já conhecem a realidade da exclusão. Precisamos estar dispostos a saber: Quem são esses jovens que estão na EJA? Quais são seus desejos e aspirações? Como a sociedade os enxerga? Como a escola os enxerga? Como os professores os enxergam?

Nesta jornada, é essencial que reconheçamos nossa própria responsabilidade e influência como educadores. Devemos nos esforçar para enxergar além das aparências e ao nos comprometermos com essa missão, estamos contribuindo para uma relação mais humanizada com nossos jovens estudantes da EJA.

Evaldo Lemos

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade específica de ensino no âmbito educacional, regida pelas disposições da Lei 9.394/96. Essa legislação, mais conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece as normas e diretrizes fundamentais para o sistema educacional brasileiro. A inclusão da EJA como uma modalidade regulamentada pela LDB reforça a sua importância no contexto educacional brasileiro, destacando-a como uma importante ferramenta para a promoção da educação inclusiva, equitativa e acessível a todas as faixas etárias, especialmente aquelas que tiveram interrupções em seus percursos educativos.

Este manual é concebido com o intuito de oferecer um guia afetivo para os docentes que se dedicam ao nobre desafio de lecionar na EJA, reconhecendo a singularidade e diversidade das juventudes atendidas. O objetivo não é a criação de um guia técnico, ou um livro que apresente a solução dos problemas em alguns. O que esse material pretende é promover uma reflexão da prática e das relações junto às juventudes que enriquecem nossas salas de aula.

Na EJA, a afetividade dos docentes desempenha um papel determinante na construção de pontes entre os sujeitos e o conhecimento. Muitas vezes, para os jovens que integram esse ambiente, o professor não é apenas um transmissor de informações, mas sim um orientador compassivo que auxilia nos intrincados caminhos dos processos conflituosos da vida. Esta relação transcende o mero ato de ensinar, transformando-se em uma fonte de apoio e orientação em meio às complexidades das escolhas naturais da jornada de vida.

A diversidade presente na EJA impõe desafios específicos, demandando sensibilidade e compreensão por parte dos educadores. Cada jovem é uma narrativa única, carregando consigo experiências, sonhos e obstáculos singulares. Nesse contexto, o professor não apenas compartilha conhecimento, mas se torna um farol afetivo, iluminando os caminhos individuais de cada estudante.

Este manual busca, assim, oferecer orientações práticas e reflexões que possam fortalecer a conexão afetiva entre professores e estudantes, contribuindo para a construção de uma comunidade educacional enriquecedora, inclusiva e profundamente humana.

**RECONHEÇA O
SEU PAPEL COMO
EDUCADOR
DA EJA**



1- RECONHEÇA O SEU PAPEL COMO EDUCADOR DA EJA

O caminho do autoconhecimento é essencialmente um processo de descoberta da própria identidade. As reflexões propostas aqui oferecem uma abordagem crítica e transformadora para entendermos nosso papel como educadores no mundo. Inspirando-me na pedagogia de Paulo Freire, amplamente reconhecida na educação libertadora, este capítulo utiliza seus ensinamentos como uma importante referência.

Sobre o processo de formação, que nos certifica a lecionar para estudantes da Educação Básica, relembro os corredores acadêmicos, as salas de aula repletas de expectativas e os espaços de reflexão pedagógica. No entanto, há um eco silencioso que reverbera nos processos de formação docente. Entre os envolvidos com a Educação de Jovens e Adultos, é amplamente reconhecido que se tornar um educador nessa área implica lidar com o vazio que permeia a trajetória de formação docente.

Nesse contexto, não é incomum educadores se encontrarem frequentemente imersos em um mar de dúvidas, questionamentos e incertezas, sem muitas vezes ter quem os guie ou quem os encoraje. A falta de formação específica se torna um obstáculo silencioso, um adversário invisível que pode enfraquecer a nossa ação.

Os desafios enfrentados pelos professores da EJA são tão diversos quanto os desafios enfrentados pelos próprios estudantes. Desde a consolidação de um currículo próprio, tendo em vista a promoção da equidade e, assim, considerando as especificidades do público atendido pela modalidade, até a necessidade de construir um ambiente de aprendizado que seja inclusivo e acolhedor, para ajudar a superar as experiências de exclusão que muitos desses jovens, adultos e idosos já enfrentaram. No entanto, é justamente nesses desafios que residem as oportunidades mais preciosas. Cada interação na sala de aula da EJA é uma chance de fazer a diferença na vida das pessoas, de inspirar uma nova perspectiva ou de despertar uma paixão pelo aprendizado.

Seguindo os princípios de Paulo Freire, entendemos que um aspecto sensível na formação do professor na EJA é ter uma compreensão profunda dos educandos. Isso vai além de saber seus nomes, conhecer suas características demográficas ou sociais; é necessário mergulhar profundamente em suas experiências de vida, em suas histórias pessoais e nas suas interações com o mundo e com o saber.

Os educandos da EJA trazem consigo trajetórias únicas, marcadas por experiências diversas, desafios superados e sonhos adormecidos. Cada um deles é um universo de potencialidades e limitações, de aspirações e frustrações.

Cada educador na EJA deve se comprometer a ir além das superfícies visíveis e realmente conectar-se com a essência de cada estudante. É nessa ligação profunda que está o potencial transformador da educação, capaz de inspirar, motivar e ajudá-los a realizar seus sonhos, do mais simples aos mais ambiciosos, contribuindo para construir um futuro melhor tanto para eles quanto para suas famílias e comunidades.

Em tempos em que vemos um aumento de atitudes racistas, xenófobas, homofóbicas e misóginas, é fundamental adotarmos uma abordagem de esperança na educação, como proposto por Paulo Freire. Para entender e enfrentar essas situações de desigualdade e injustiça social, precisamos primeiro despertar em nós a vontade de agir, para que possamos trabalhar com a realidade das pessoas que enfrentam condições difíceis de vida.

Como educadores da Educação de Jovens e Adultos, nosso papel é promover, segundo Paulo Freire, a "leitura crítica do mundo" como parte do nosso trabalho educativo. Isso significa ouvir, sentir, ver e entender os indivíduos em seus contextos de vida, seus pensamentos e suas experiências. Ao refletir sobre a realidade que enfrentam, podemos ajudá-los a desenvolver um olhar crítico e a transformar sua maneira de ver e interagir com o mundo.

A forma como pensamos é influenciada pelas nossas experiências e pelo nosso contexto. Para realmente entender alguém, é importante conhecer seu ambiente social e suas circunstâncias. Isso inclui saber como a pessoa vive, com quem se relaciona, quais são suas experiências, o tipo de trabalho que realiza, seus desejos, como lida com os desafios da vida e da morte, e quais são suas esperanças. Portanto, entender alguém sempre envolve interpretar sua situação e contexto pessoal.

POR ISSO PORQUE EU ACHO QUE A PRIMEIRA FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO É ENSINAR A VER, EU GOSTARIA DE SUGERIR QUE SE CRIASSE UM NOVO TIPO DE PROFESSOR, UM PROFESSOR QUE NADA TERIA A ENSINAR, MAS QUE SE DEDICARIA A APONTAR OS ASSOMBROS QUE CRESCEM NOS DESVÃOS DA BANALIDADE COTIDIANA.

RUBEM ALVES

1.1 O QUE TE MOTIVA COMO EDUCADOR?

Essa é uma pergunta que certamente todo educador e educadora já se fez.


O que nos faz levantar todas as manhãs e adentrar as noites para enfrentar os desafios da sala de aula? Essa é uma pergunta que nos convida a mergulhar nas profundezas de nossa própria jornada educacional, em busca da essência de nossa motivação.

Para alguns, a motivação vem da paixão pelo aprendizado, da crença do poder transformador da educação. É a faísca que acende em nossos corações quando testemunhamos o brilho nos olhos de um estudante ao compreender um novo conceito ou ao superar uma dificuldade.

Para outros, a motivação reside no desejo de fazer a diferença, de deixar um legado para o mundo através da educação. É um chamado que vêm, às vezes, desde a infância e que nos impulsiona a continuar em sala de aula lutando por uma sociedade melhor. Refletir sobre a motivação de um professor exige um olhar realista e equilibrado sobre o papel da educação na sociedade. Embora a educação seja uma ferramenta poderosa, não deve ser vista como uma solução mágica para todos os problemas sociais. A realidade é que, embora a educação tenha um impacto significativo, ela opera dentro de um contexto mais amplo que inclui fatores econômicos, culturais e políticos.

Mas há também momentos em que a motivação parece fugir de nós, quando nos deparamos com obstáculos aparentemente insuperáveis ou quando enfrentamos a descrença e o ceticismo ao nosso redor. Nessas horas, é preciso buscar inspiração nas pequenas vitórias, nos momentos de conexão especial com os estudantes e nas histórias de superação que nos cercam. Como educadores, somos chamados a ser mais do que simples transmissores de conhecimento; somos mentores, guias e, nossa motivação vem da convicção de que cada indivíduo tem o potencial de alcançar grandes feitos.

Portanto, que possamos nos lembrar sempre do poder e do propósito de nosso ofício como educadores. Que seja possível encontrar inspiração na jornada de cada pessoa que cruza nosso caminho e no impacto transformador que podemos ter em suas vidas. Pois, no final do dia, é essa motivação que nos impulsiona a seguir em frente, mesmo quando o caminho parece árduo e incerto.

A blue pencil with a sharpened lead tip and a white eraser are positioned in the upper right corner of the page. The pencil is oriented diagonally, pointing towards the bottom left. The eraser is partially visible behind the pencil. The background is a plain, light-colored surface.

**AFETO E
ACOLHIMENTO:
RECURSOS
MOTIVADORES**

2- AFETO E ACOLHIMENTO: RECURSOS MOTIVADORES

A afetividade pode ser compreendida como a dimensão emocional das relações humanas, envolvendo sentimentos de empatia, cuidado, respeito e vínculo afetivo. Na educação, a afetividade é abordada como um fio condutor que perpassa as interações sociais, revelando-se como uma força dinâmica que contribui para a construção de um ambiente educacional mais acolhedor, inclusivo e propício ao desenvolvimento dos nossos estudantes.

Da perspectiva educacional, o amor é fundamental, pois ele torna o aprender mais prazeroso e, conseqüentemente, mais relevante. Uma boa relação é alicerçada no respeito ao outro, portanto: “Não há educação sem amor. [...] Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo. Não respeita” (FREIRE, 1996, p. 29).

O acolhimento é uma postura ativa e as relações de afeto e as práticas acolhedoras podem ser responsáveis pelo entusiasmo daqueles ao nosso redor. Ao apontar a relação vertical centrada na figura do professor, característica da educação tradicional, bell hooks diz que:

Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. [...] Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. (HOOKS, 2013, p. 17-18).

Além desse contexto, é importante identificarmos também que a prática pedagógica e o amor podem ser compreendidos como um ato político e de resistência.

Em nossa sociedade, é comum observar uma subestimação das emoções, frequentemente colocadas em segundo plano em comparação com a lógica e a razão. No entanto, o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção é uma realidade intrínseca ao viver humano. Ignorar essa interconexão é negligenciar uma parte essencial da nossa experiência de existir. Cada pensamento, decisão ou ação que tomamos é influenciado, em maior ou menor grau, por nossas emoções e sentimentos. Não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional subjacente, que molda nossas percepções, valores e julgamentos. Somente quando reconhecemos e integramos plenamente nossas emoções no processo de tomada de decisões e na forma como interagimos com o mundo ao nosso redor, podemos verdadeiramente compreender a complexidade e a riqueza da experiência humana.

Através da natureza biológica no que se refere as emoções e pela natureza psicológica que abrange os sentimentos, a afetividade se desenvolve à medida que o indivíduo assimila os processos simbólicos da cultura, que permitem as formas de expressão da própria dimensão afetiva. Na educação, a afetividade é uma dimensão fundamental e uma relação saudável entre educador e educando pode contribuir no processo contínuo de formação e transformação de ambos.

É preciso compreender que acolher é fundamentalmente estar aberto ao outro e para isso precisamos olhar para dentro de nós. Será que estamos realmente disponíveis para acolher? Estar disponível é mais do que simplesmente estar presente; é estar sensível aos sinais sutis que permeiam nosso entorno. O acolhimento é uma postura ativa e as relações de afeto e as práticas acolhedoras podem ser responsáveis pelo entusiasmo daqueles ao nosso redor.

Como educadores e educadoras da EJA, é fundamental compreender que as memórias dos jovens estudantes podem estar permeadas por sentimentos relacionados à sensação de incompetência, impossibilidade e falta de compreensão. Essas impressões influenciam, de certa maneira, a relação desses estudantes com a escola, com os professores e, especialmente, com a aprendizagem, resultando em distanciamento. Por outro lado, o retorno à escola é caracterizado por uma variedade de necessidades relacionadas ao projeto de vida de cada um, como expectativas de melhorias na vida e busca por oportunidades de emprego, entre outros anseios. Essas necessidades podem evocar sentimentos que os aproximem do ambiente escolar. Portanto, a prática docente influencia diretamente a dinâmica das relações, tendo um impacto significativo na motivação dos jovens que retornam e permanecem.

2.1 O QUE TE AFETA?

Mais uma pergunta reflexiva que parece simples mas demanda um grande esforço para encontrarmos uma resposta, afinal, tanta coisa nos afeta e, por vezes, nem percebemos. Como educadores da EJA e trabalhando com as juventudes na modalidade, somos constantemente envolvidos por um turbilhão de emoções, que estão ligadas à reação imediata a um estímulo, e pelas experiências que moldam nossa jornada diária.

O que nos afeta nesse cenário diversificado e multifacetado é uma dança complexa entre relações construtivas e outras que dificultam a aproximação. Esse movimento representa um delicado equilíbrio entre aproximar ou afastar nossos estudantes. É uma constante interação entre nossas emoções internas e as nossas atitudes externas. Reconhecer o impacto de nossas ações e emoções nas interações diárias nos ajuda a repensar nossas abordagens e a melhorar continuamente a forma como nos relacionamos com os estudantes.

É inegável que as relações que estabelecemos com nossos jovens estudantes têm um profundo impacto em nós. As histórias de vida que eles compartilham, as lutas que enfrentam e as conquistas que celebram ecoam em nossos corações e mentes, deixando uma marca em nossa experiência profissional e humana.

No entanto, também somos confrontados com relações mais desafiadoras, onde conflitos, desentendimentos e discordâncias podem surgir. O desafio de lidar com alunos desmotivados, desinteressados ou desafiadores pode nos afetar emocionalmente, testando nossa paciência, compaixão e habilidades de comunicação. Nessas situações, somos confrontados com nossos próprios limites e vulnerabilidades, exigindo um profundo autoconhecimento e uma dose extra de resiliência para superar os obstáculos.


Devemos estar dispostos a nos abrir para as emoções e sentimentos que nos afetam, a buscar apoio quando necessário e a cultivar uma práxis reflexiva que nos permita crescer e evoluir como profissionais e como pessoas. Pois é na interseção entre nossas relações com os outros e nossas próprias experiências que encontramos a verdadeira essência da educação – uma jornada de aprendizado, crescimento e transformação para ambos.

A educação embasada na amorosidade, conforme Paulo Freire, oferece uma visão profunda e humanizada do processo de ensino-aprendizagem-ensino. Freire acreditava que a educação deve ser um ato de amor e respeito, promovendo um ambiente de diálogo e compreensão mútua. No entanto, essa visão ideal encontra desafios significativos na prática, em contextos onde os professores frequentemente enfrentam situações desafiadoras, como agressões verbais, desrespeito e desvalorização. A realidade muitas vezes é marcada por um histórico de experiências negativas com o sistema educacional e por contextos socioeconômicos difíceis, que podem impactar profundamente o comportamento dos estudantes. Quando um professor enfrenta agressões verbais ou desrespeito, essas ações podem ser reflexo de frustrações acumuladas, falta de confiança no sistema educacional ou questões pessoais complexas. No entanto, isso não diminui a dificuldade e o impacto emocional que esses episódios têm sobre o educador.



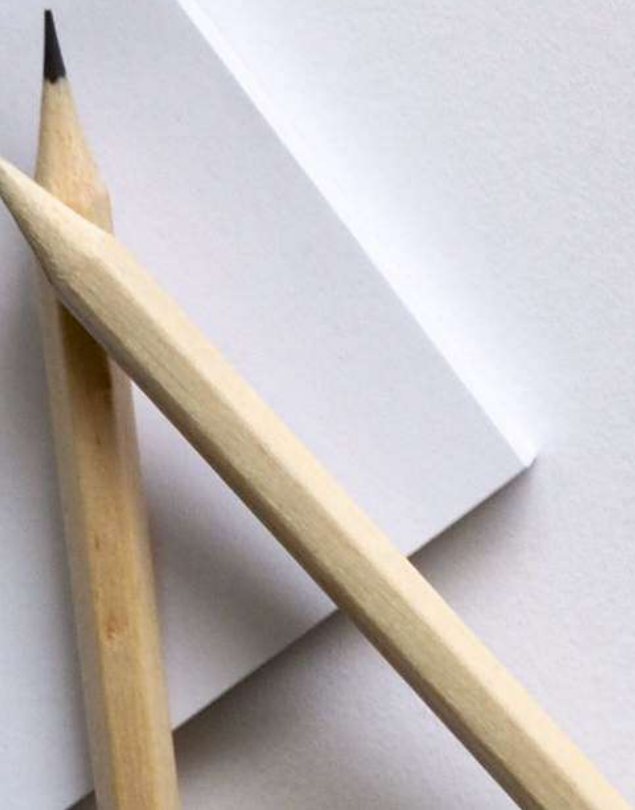

Nesse cenário, a aplicação dos princípios freirianos de amorosidade e respeito torna-se ainda mais importante, mas também mais complexa. A necessidade de manter a calma e o equilíbrio emocional é essencial para que o professor possa continuar a promover um ambiente de aprendizagem acolhedor e estimulante. As emoções dos educadores são profundamente envolvidas em sua prática e para que possamos efetivamente acolher e formar esses jovens de maneira humanizada, é vital que nossos sentimentos e ações estejam em equilíbrio.

Sentir-se desrespeitado ou desvalorizado é uma reação natural e humana. No entanto, é importante que esses sentimentos não comprometam a capacidade de responder com empatia e compreensão. Isso implica em comunicar expectativas de comportamento de maneira firme e respeitosa, e em buscar formas de construir uma relação de confiança mútua. Envolver os estudantes no processo educativo, mostrando interesse genuíno por suas histórias e desafios, pode ajudar a transformar atitudes desafiadoras em oportunidades para fortalecer o vínculo entre educador e educando.

Enquanto educadores precisamos reconhecer que o ambiente da sala de aula é um espaço onde as pessoas trazem consigo uma variedade de emoções e preocupações. Muitos jovens lidam com responsabilidades familiares, pressões financeiras, traumas passados ou dificuldades emocionais que podem afetar seu desempenho escolar e bem-estar geral. Ouvir um conselho ou uma fala acolhedora dentro de um espaço seguro, muitas vezes é a principal necessidade do jovem estudante da EJA em algumas situações.



**O PODER
TRANSFORMADOR
DA EDUCAÇÃO**



3 - O PODER TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO

A educação está presente nos mais diferentes setores da sociedade, tem caráter histórico e cultural tornando-se instrumento essencial para a autorrealização, o desenvolvimento das pessoas e manutenção de uma determinada comunidade. Sobre isso Carlos Rodrigues Brandão diz:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: seja para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1981, p. 07).

De acordo com o professor Carlos Rodrigues Brandão, é possível compreender que o ato de educar torna-se inseparável ao desenvolvimento das pessoas enquanto integrantes de uma sociedade. Desta forma, o que se aprende na escola representa também uma oportunidade de crescimento pessoal e coletivo. Sendo assim, que educação estamos promovendo?

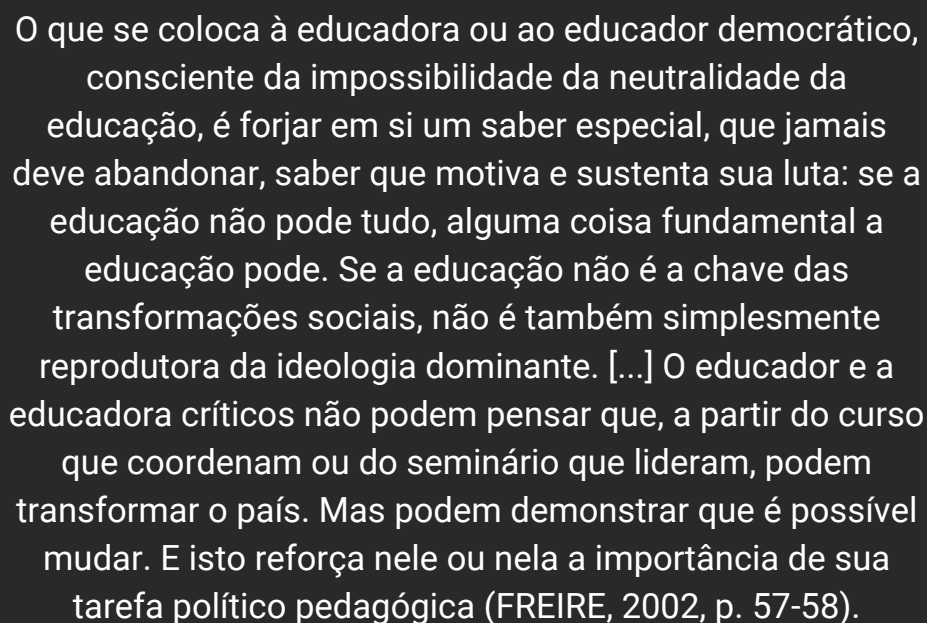
Dialogando com a pedagogia crítica de Paulo Freire e a educação transgressora de bell hooks, devemos estabelecer a diferença entre uma educação que favoreça a dominação vigente e uma educação libertadora, o que torna insustentável a neutralidade da educação realmente transformadora. Nesse sentido, trabalhar a educação como prática da liberdade é desafiador e naturalmente transgressor a vista das engrenagens sociais opressoras. A forma como nos comportamos como educadores reflete bastante o que acreditamos e o que almejamos. Ao se referir aos espaços educativos, bell hooks enfatiza a necessidade de que “fazer da sala de aula um contexto democrático em que todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da educação transformadora” (HOOKS, 2013, p. 56). Quando os educadores e educandos se relacionam bem, são capazes de criar um ambiente de aprendizagem mais seguro, aberto e inclusivo.

3.1 A EDUCAÇÃO REALMENTE TRANSFORMA?

Todos somos frutos da educação e sobre o questionamento feito, gostaria de explorar e analisar o discurso sobre a educação libertadora e transformadora. É importante reconhecer que a pedagogia não deve ser limitada apenas à dinâmica da sala de aula, à interação entre educador e educando, e ao diálogo que ocorre dentro dos muros escolares. É fundamental lembrar que a escola não existe em um espaço isolado. Ela está integrada ao tecido social e reflete as contradições e os conflitos de uma sociedade estratificada e complexa.

Essa visão nos leva a questionar o papel da escola como agente de transformação social. Será que podemos simplesmente atribuir à educação o poder de mudar a realidade sem reconhecer os limites e desafios que ela enfrenta dentro de uma estrutura social desigual? Enquanto educadores, estamos conscientes da complexidade dessas questões?

A busca pela transformação nos coloca diante de um dilema: devemos expor as condições desumanas em que vivemos e, ao mesmo tempo, anunciar a possibilidade de superá-las. É necessário ir além, engajando-se em uma luta política pela transformação da realidade que nos cerca.



O que se coloca à educadora ou ao educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si um saber especial, que jamais deve abandonar, saber que motiva e sustenta sua luta: se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. [...] O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político pedagógica (FREIRE, 2002, p. 57-58).

Portanto, a educação que transforma requer não apenas um olhar crítico sobre nós mesmos e sobre o mundo, mas também um compromisso firme com a ação coletiva em prol de um futuro mais justo e humano.

**NÃO BASTA
APENAS
REFLETIR,
PRECISAMOS
AGIR...**



NÃO BASTA APENAS REFLETIR, PRECISAMOS AGIR...

Em um mundo repleto de desafios e transformações constantes, a reflexão tornou-se uma ferramenta essencial para o professor. No entanto, como ressalta Paulo Freire, a mera reflexão não é suficiente. É necessário que ela seja um elemento dinâmico, capaz de impulsionar o movimento entre teoria e prática, entre o pensar e o fazer.

Não podemos ignorar que, ao discutir a afetividade e o acolhimento, estamos lidando com conceitos que, embora possam parecer simples, são essenciais. Para realizar nosso trabalho de maneira mais sensível com os jovens na EJA, é fundamental utilizar a comunicação como uma ferramenta poderosa. A base de qualquer bom relacionamento, seja na sala de aula ou em outro ambiente, é o alinhamento de expectativas. Diante das diversas realidades da sociedade atual, os jovens surgem como um grupo dinâmico, multifacetado, frequentemente incompreendido e, por vezes, negligenciados em suas diferentes necessidades. Embora não possamos conceder voz a quem não a tem — uma tarefa que reside em um nível mais amplo e estrutural da sociedade — podemos, sem dúvida, oferecer uma escuta atenta e empática. A escuta ativa também é um gesto poderoso que não deve ser subestimado.

Para alguns professores, ainda persiste a imagem do "jovem problema", aquele que é muitas vezes estereotipado como alguém desinteressado ou incapaz de planejar o futuro. No entanto, aqueles comprometidos com uma visão de EJA alinhada aos princípios da Educação Popular emancipatória resistem a essas abordagens. Essa resistência se manifesta na busca pela superação das desigualdades sociais e na promoção de uma educação progressista e crítica.

A EJA é atravessada constantemente por caminhos de luta. Diante desse contexto, é permeada de sentidos que refletem esses caminhos inerentes à EJA uma pergunta profundamente política, necessária e basilar: Por que lutam os jovens adultos que chegam a EJA? O que buscam?

Lutam por percursos humanos de direitos, por justiça, pela dignidade humana que lhes é roubada. Lutas aprendidas com as mulheres-mães que levam na mão seus filhos, suas filhas, pobres, negros, dos campos e das periferias para os Centros de educação Infantil ou para as escolas públicas. Por anos, a cada dia, fazem esses itinerários por um justo, digno, humano viver de seus filhos/as. (ARROYO, 2017, p. 93).

Para Paulo Freire, a emancipação humana representa uma importante conquista política que deve ser realizada através da ação humana, na contínua luta pela libertação das pessoas de vidas desumanizadas pela opressão e pela dominação social. Enquanto educadores e educadoras da EJA possuímos um importante papel nesse processo, portanto, precisamos avaliar nossa prática constantemente e de acordo com Freire:

NÃO É POSSÍVEL PRATICAR SEM AVALIAR A PRÁTICA. AVALIAR A PRÁTICA É ANALISAR O QUE SE FAZ, COMPARANDO OS RESULTADOS OBTIDOS COM AS FINALIDADES QUE PROCURAMOS AVANÇAR COM A PRÁTICA. A AVALIAÇÃO DA PRÁTICA REVELA ACERTOS, ERROS E IMPRECIÇÕES. A AVALIAÇÃO CORRIGE A PRÁTICA, MELHORA A PRÁTICA, AUMENTA A NOSSA EFICIÊNCIA. O TRABALHO DE AVALIAR A PRÁTICA JAMAIS DEIXA DE ACOMPANHÁ-LA (FREIRE, 1989, P. 47).

É importante recordar que, ao longo da história, o sistema educacional do Brasil tem sido amplamente caracterizado pelo problema conhecido como "fracasso escolar". Isso se manifesta através de taxas significativas de reprovação e abandono escolar em diferentes níveis. Em termos de afetividade e acolhimento, esse processo envolve experiências de ensino marcadas por impactos negativos nas relações, o que leva, por exemplo, a um distanciamento entre o estudante e os conteúdos. Esse distanciamento muitas vezes se estende para a percepção geral da escola.

A partir do exposto, não creio ser possível compreender e agir nessa direção sem nos envolvermos afetivamente com as pessoas que entram em nossas salas de aula, sem nos preocuparmos com seus objetivos de vida, sem entendermos que as realidades de vida deles, em certa medida, também se assemelham as nossas. Afinal, dividimos o mesmo mundo que nos oprime, nos invisibiliza, nos roubam a humanidade e a esperança.

Estamos realmente olhando para as juventudes da EJA ou apenas as vendo chegar e ir embora? O simples ato de apenas ver pode levar a interpretações rápidas e generalizadas sobre as pessoas, ignorando suas individualidades e potencialidades, suas histórias de vida e suas necessidades específicas de aprendizado.

Destaco também a importância da sensibilidade do educador em relação às percepções e reações dos estudantes, e como isso pode influenciar o ambiente de aprendizagem e o processo educativo como um todo. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire nos adverte que:

Evidentemente, não posso levar meus dias como professor a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola (FREIRE, 2002, p. 50).

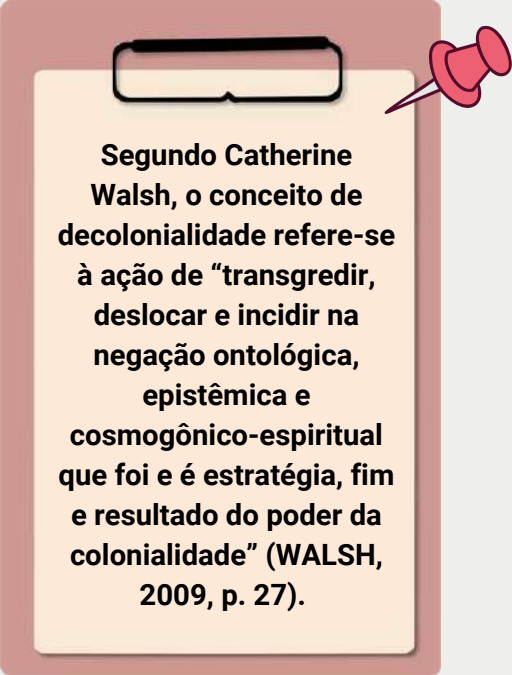
4.1 O QUE É UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADA?

A Educação Humanizada é um processo de libertação e transformação social, que visa mobilizar os envolvidos para promover a formação de uma consciência crítica. Segundo a filosofia freiriana, educar para a humanização implica em agir e pensar com base em princípios éticos responsáveis, decisões políticas ativas e uma sensibilidade para a criatividade estética. Isso implica reconhecer que a construção de um projeto educacional sólido e transformador requer o comprometimento social dos educadores e gestores, visando estabelecer uma visão democrática que contraste com as práticas individualistas e competitivas da sociedade atual.

Uma parte muito importante desse tipo de educação é a necessidade de revisar os métodos e abordagens pedagógicas que, muitas vezes, limitam o ensino apenas ao aspecto cognitivo, ignorando que as relações humanas que também se estabelecem. Temos a responsabilidade, como educadores, em reconhecer e utilizar o potencial transformador da educação. Cada momento na prática educativa deve ser encarado como uma oportunidade de intervenção no mundo.

Quanto ao papel social da escola em consonância com uma prática dialógica, decolonial e crítica busca romper com a desumanização, presente em instituições que priorizam incessantemente resultados quantificáveis. A filosofia freiriana, explica muito bem, que não nascemos prontos e acabados; estamos num constante processo de formação e transformação. No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire diz que estamos vocacionados para a humanização e afirma que:

“A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais” (FREIRE, 1987, p. 19).



Segundo Catherine Walsh, o conceito de decolonialidade refere-se à ação de “transgredir, deslocar e incidir na negação ontológica, epistêmica e cosmogônico-espiritual que foi e é estratégia, fim e resultado do poder da colonialidade” (WALSH, 2009, p. 27).

Partindo do entendimento de que cada indivíduo é uma combinação única de experiências e potencialidades, repleto de valores inestimáveis e com a capacidade de colaborar para um mundo mais humano e acolhedor, torna-se fundamental integrar à educação estratégias que promovam essa ação. A educação humanizada surge como uma resposta à injustiça e à opressão, uma exigência moral e ética que nos convoca a desafiar essas estruturas de poder e a lutar por um mundo mais justo, igualitário e solidário.

No contexto das razões apresentadas para uma educação que conscientize e integre as juventudes à sociedade, é importante ressaltar como essa abordagem educacional promove a democratização, ajudando a combater as disparidades existentes em nossa sociedade.

Para Freire, qualquer processo educacional que não considere a capacidade dos seres humanos de transformarem o mundo por meio da educação, se configura como um processo de desumanização. Assim como Paulo Freire, não podemos deixar de lutar pela superação das desigualdades sociais.

Na prática, a educação humanizada não reside na simples transmissão de conteúdos específicos, mas sim em cultivar novas formas de interação baseadas nas experiências dos educandos, abordando aquilo que é genuinamente relevante e útil para eles. A abordagem de simplesmente transmitir informações é vista como inadequada dentro do contexto social dos estudantes, podendo ser percebida como um mero depósito de conhecimento ou uma imposição cultural. Ao ensinar um conteúdo sem conectar com suas vidas diárias, os educadores não conseguem alcançar o conhecimento que já é conhecido pelo histórico de vida dos jovens, e assim o conteúdo se torna desvalorizado e sem sentido para eles. Portanto, um dos aspectos fundamentais deste processo educacional é o entendimento profundo dos educandos, pois é essencial que eles se sintam conectados ao conhecimento que está sendo explorado.

**ATITUDES PARA
ESTABELEECER UMA
CONEXÃO
AFETUOSA E
ACOLHEDORA COM
AS JUVENTUDES NA
EJA**



- Escuta ativa: Ouça atentamente as experiências, preocupações e perspectivas dos jovens, demonstrando compreensão e real interesse.
- Diálogo aberto e transparente: Promova conversas abertas e honestas, incentivando a participação ativa do grupo no processo educacional e na tomada de decisões.
- Flexibilidade e adaptação: Esteja aberto a adaptar sua abordagem de ensino às necessidades e interesses deles, incorporando métodos e conteúdos relevantes e significativos para eles.
- Valorização das experiências prévias: Reconheça e aproveite as experiências de vida e conhecimentos prévios que trazem, integrando-os ao processo de aprendizado e construção de novos saberes.
- Construir confiança: Demonstre empatia, respeito e autenticidade para estabelecer uma base sólida de confiança com eles.
- Conectar-se: Crie oportunidades para conhecê-los individualmente, entendendo suas experiências, interesses e desafios.
- Criar um ambiente seguro e inclusivo: Crie um espaço onde se sintam seguros para expressar suas opiniões, ideias e preocupações sem julgamento.
- Celebrar as diversidades: Reconheça e valorize as diversas experiências, culturas, identidades e orientações sexuais, promovendo um ambiente de respeito mútuo e aceitação.
- Demonstrar humanidade: Compartilhe com os estudantes situações e experiências reais vivenciadas por você. Afinal, somos também trabalhadores em busca da sobrevivência e de uma vida mais digna.
- Feedback construtivo: Forneça um retorno positivo e construtivo sobre o desempenho dos estudantes, destacando suas potencialidades e oferecendo orientações para melhorias.

Essas são apenas algumas possíveis atitudes que podem contribuir significativamente para promover uma boa relação com as juventudes na EJA, criando um ambiente de aprendizagem afetivo e acolhedor

REFLEXÕES FINAIS



REFLEXÕES FINAIS

À medida que nos despedimos desse manual, reconhecemos que a Educação de Jovens e Adultos tem grandes desafios e entre eles está atribuído o olhar para as relações que se estabelecem com as juventudes da modalidade, o que não significa desviar o foco da função social da escola e principalmente da EJA.

O retorno à escola pode ser uma experiência desafiadora para muitos jovens. Diante desse contexto, a prática acolhedora da equipe gestora, dos educadores e todos aqueles que trabalham no espaço escolar desempenha um papel fundamental, pois pode influenciar não apenas a intenção imediata daquela pessoa, mas também sua disposição para continuar os estudos no futuro. Partindo da premissa: "Quem não é bem recebido não volta", destacamos a importância de criar um ambiente onde os estudantes se sintam valorizados, respeitados e apoiados desde o momento em que entram na escola em busca de informações.

O educador que se propõe a atuar na EJA precisa assumir um compromisso constante, precisa reconhecer e valorizar as experiências de vida das pessoas, precisa ir além e estar atento às carências afetivas desse grupo. O professor precisa ser diferente porque muitos estudantes tiveram experiências difíceis na escola e podem ainda ter na memória os rótulos atribuídos à sua dificuldade de aprendizagem, ao seu comportamento e aos resultados nas avaliações. As relações que estabelecemos com os estudantes nos ajudam a entender quem são, o que sabem, o que já vivenciaram e o que desejam aprender.

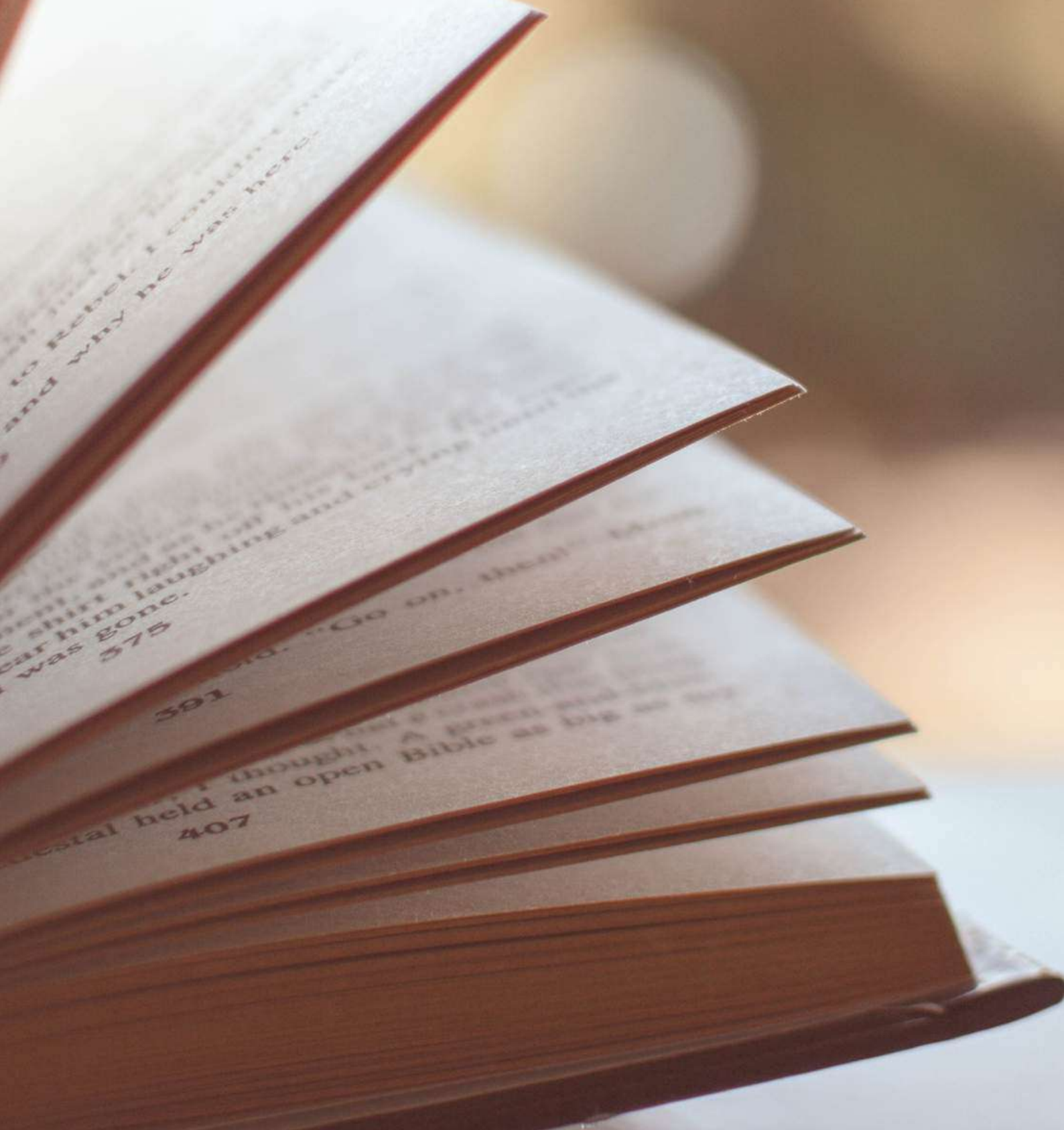
Essa compreensão profunda dos educandos vai além da mera empatia; trata-se de um ato de amorosidade, de acolhimento e de respeito pela individualidade de cada um. Muitos deles estão lá buscando uma nova oportunidade, uma chance de recuperar sua dignidade e o direito à educação. O papel do professor na EJA é facilitar esse processo, oferecendo apoio, incentivo e orientação para que essas pessoas possam retornar à escola com confiança, determinação e conscientes de que a transformação através da educação é possível.

Estudar em nosso país pode ser considerado um ato de resistência. Para muitos sujeitos, especialmente os que acreditam na educação como um meio para romper os ciclos de pobreza e marginalização, cada passo na jornada educacional é uma batalha contra as adversidades. É uma luta contra a falta de recursos, a falta de tempo, a falta de alguém que possa cuidar dos filhos enquanto se estuda, a falta de apoio familiar e até mesmo contra a descrença em si mesmos e em suas potencialidades.

Portanto, como apresentado nesse Manual Afetivo, precisamos compreender a indissociabilidade da afetividade na prática educativa, ajudando a valorizar esta dimensão.

Em resumo, a verdadeira educação humanizada só acontece quando nos comprometemos verdadeiramente com os nossos estudantes, reconhecendo-os como indivíduos com direitos, desejos e sonhos. Identificar-se como educador da EJA significa, acima de tudo, reconhecer-se sensível, reflexivo e engajado na transformação social através da educação.

BIBLIOGRAFIA INSPIRADORA



...
to Rebel. I couldn't resist
and why he was here.

...
shirt right off his back. He
ear him laughing and crying until he
was gone.
375

...
said, "Go on, then."
391

...
I thought. A green and blue
estal held an open Bible as big as the
407

BIBLIOGRAFIA INSPIRADORA

ARROYO, Miguel Gonzalez. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. In. Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação. Caderno pedagógico n. 2: Semana Pedagógica Paulo Freire. Porto Alegre: Corag, 2001, p. 42-54.

_____. Da escola carente à escola possível. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida mais justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. Paulo Freire – Tantos anos depois. 1ª edição. Rio de Janeiro: Wak, 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Brasília: Presidência da República, 1996.

_____. Parecer CNE/CEB n. 11, de 10 de maio de 2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf.

FÁVERO, Osmar; FREITAS, Marinaide. A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente. In: Inter-Ação, Goiânia, v. 36, n. 2, p. 365-392, jul./dez. 2011.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. E-book. Disponível em: <<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>>

_____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Paz e Terra, 2002. E-book. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>>.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas; tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

_____. Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. (Org.). Afetividade e práticas pedagógicas. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2006.

MATURANA, R. Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SILVA, Analise de Jesus da. Na EJA tem J. 1ª Ed. Curitiba: Appris, 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

AUTORES



AUTOR

EVALDO LEMOS RODRIGUES JUNIOR

Com uma paixão contagiante pela educação, o autor é um verdadeiro entusiasta da prática docente afetiva e humanizada. Nascido e criado na vibrante zona norte do Rio de Janeiro, ele traz consigo uma bagagem rica em experiências. Graduado em História pelo Centro Universitário Augusto Motta e com uma especialização em História Antiga e Medieval pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ele se lançou de cabeça na educação, buscando sempre maneiras de transformar vidas através do ensino. Seu mestrado em Ensino da Educação Básica pelo Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB - CAp UERJ) é um reflexo do seu anseio por uma educação pública de qualidade.



Lecionou como professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental e para jovens, adultos e idosos na EJA Rio. Sua atuação como regente da Sala de Leitura e como assistente pedagógico do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem Urbano é apenas um exemplo de sua dedicação em criar ambientes de aprendizado mais inclusivos e enriquecedores. Atualmente, é professor concursado na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e faz parte da equipe da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA). Além disso, se destaca na formação de professores alfabetizadores da EJA Rio e é um apaixonado pela pesquisa e pelos temas relacionados à Educação de Jovens e Adultos, Formação Docente e Afetividade. Suas publicações e apresentações acadêmicas revelam um profundo interesse em como a educação pode ser uma força verdadeiramente transformadora.



CO-AUTORA

ANDREA DA PAIXÃO FERNANDES

Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), onde atua na educação básica, na graduação e na pós-graduação no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB - CAp UERJ). É Professora dos Anos Iniciais, Pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com Mestrado em Educação (FEUFF) e Doutorado em Educação (FE-UNICAMP). No Programa de Políticas Públicas e Formação Humana da Uerj realizou estágio pós-doutoral. Atua também na formação docente para a educação básica, inicial e continuada. Desenvolve pesquisas na área de educação para pessoas jovens e adultas e as relações com os mundos do trabalho e sobre memórias de escola.



Linha Editorial

FAZERES - Produtos Educacionais



Este Manual compõe a linha editorial FAZERES e destina-se a divulgar produtos educacionais voltados ao estudante da educação básica em que se observe inovadorismo no desenvolvimento de práticas pedagógicas e pertinência na abordagem de objetos de aprendizagens. Enquadram-se nessa linha, por exemplo, livros didáticos, livros paradidáticos, sequências didáticas, jogos etc.

